



Um ano para as florestas

Relatório Anual de 2011



O ano internacional das florestas

Em 2011, o Ano Internacional das Florestas designado pela ONU lançou uma luz sobre as ações necessárias para promover um manejo mais sustentável das florestas. O CIFOR teve muito o que comemorar nesse sentido – como descrito neste relatório anual.

O ano foi marcado por muitas novas políticas e promessas de apoio financeiro de governos e doadores em prol dos esforços para conter o desmatamento e a degradação florestal. Enquanto o CIFOR avança para implementar o Programa de Pesquisa *Florestas, Árvores e Agroflorestas* do CGIAR, estamos confiantes de que estamos bem posicionados para assumir os mais importantes desafios da pesquisa florestal que enfrentamos hoje.

O CIFOR tem agora cerca de 200 funcionários, complementado por muitos associados, parceiros e consultores, que realizam pesquisas relacionadas a florestas em cerca de 20 países. Temos um número crescente de projetos de pesquisa comparativa global de destaque em vários estágios de finalização, os quais estão gerando novos conhecimentos e impacto consistentes com a nossa missão. Temos melhorado significativamente a presença do CIFOR no cenário mundial através de um crescente investimento em comunicação.

Em novembro, anunciei minha intenção de deixar o CIFOR, depois de ter liderado a organização desde 2006. Acredito que agora é um bom momento para uma transição na liderança porque a organização é muito forte em diferentes áreas. Graças ao empenho do nosso pessoal e do Conselho e à amplitude das nossas parcerias, temos conseguido um progresso notável em direção ao nosso objetivo de tornarmo-nos um recurso obrigatório para informação e análise sobre questões florestais essenciais.

Foi um prazer liderar o CIFOR durante os últimos seis anos. Estou confiante de que o próximo diretor-geral do CIFOR vai trazer energia e perspectivas renovadas para continuar a garantir o avanço de nossa missão no futuro.

Frances Seymour
Diretora-geral

Visite a versão *web* deste Relatório Anual para conhecer a versão completa das histórias, a lista de publicações de 2011 e o relatório financeiro de 2011: www.cifor.org/annualreport2011



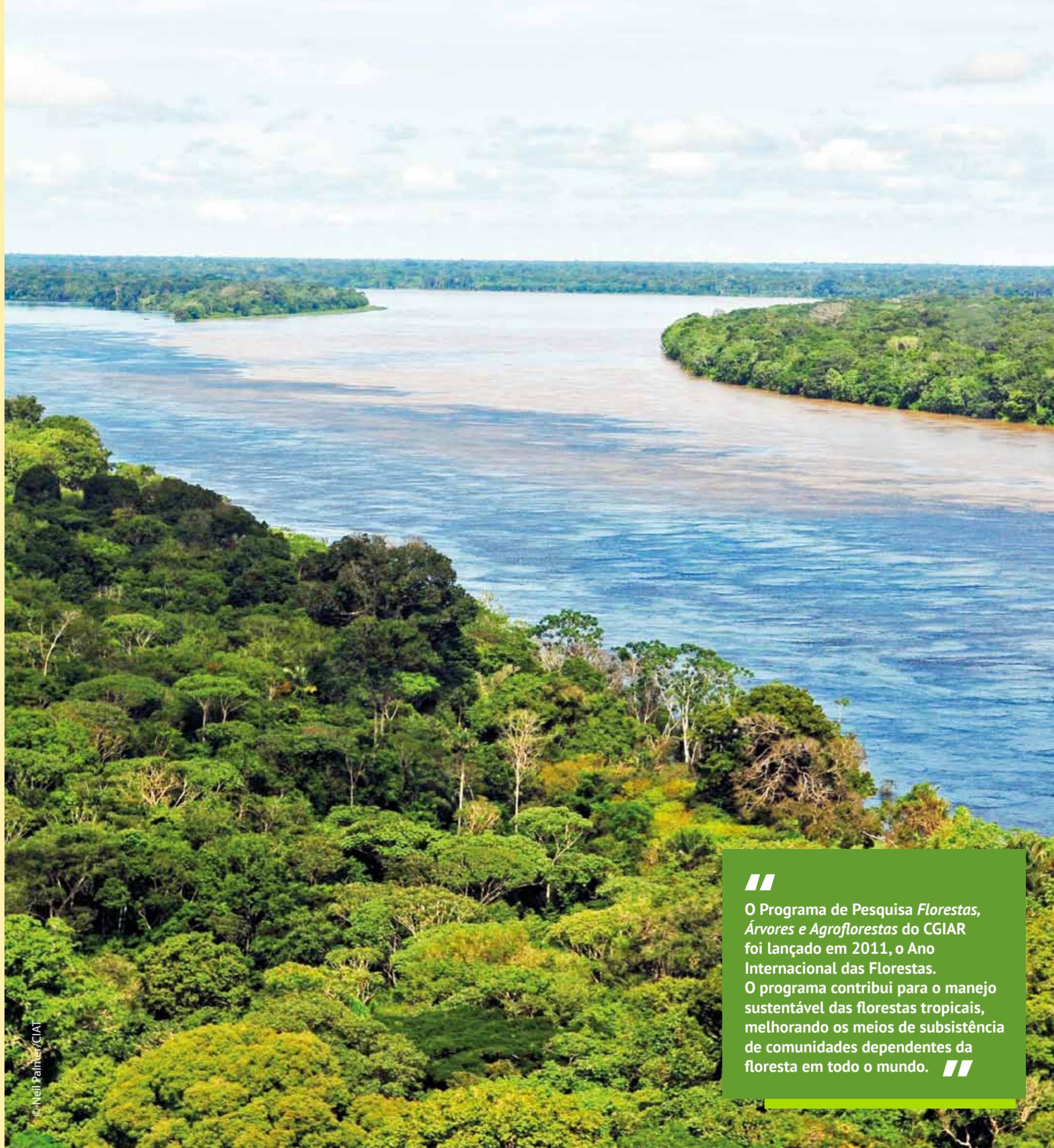
Fortalecendo-se cada vez mais

Não foi por coincidência que o Programa de Pesquisa *Florestas, Árvores e Agroflorestas* do CGIAR foi lançado em 2011, o Ano Internacional das Florestas. A iniciativa pioneira foi desenhada para contribuir para o manejo sustentável das florestas tropicais, melhorando os meios de subsistência de comunidades dependentes da floresta em todo o mundo. O Conselho do Fundo do CGIAR deu aprovação incondicional ao novo programa. Como o centro de liderança, o CIFOR passou a maior parte do ano supervisionando um intenso processo de planejamento operacional com os parceiros do CGIAR, de Bioversity International, do Centro Internacional de Agricultura Tropical e do Centro Mundial de Agrofloresta.

O CIFOR está bem posicionado para liderar o esforço do CGIAR para abordar os desafios que as florestas do mundo estão enfrentando. A estratégia e estrutura do centro estão totalmente alinhadas com os objetivos do programa do CGIAR. A profundidade e o alcance das parcerias do CIFOR têm sido muito enriquecidos nos últimos anos, em grande parte devido a iniciativas de pesquisa em todo o mundo, como a Rede Pobreza e Ambiente (PEN) e o Estudo Comparativo Global sobre REDD+. Nossa compreensão das principais questões sobre as florestas progrediu significativamente como resultado de uma política de pesquisa dedicada. O quadro de pessoal tem crescido cada vez mais, com o CIFOR atraindo profissionais excelentes, desde pós-doutorandos até cientistas seniores. A confiança dos doadores no CIFOR é evidente: o orçamento do centro quase duplicou nos últimos cinco anos.

A grande novidade no final de 2011 foi que a diretora-geral Frances Seymour deixaria o CIFOR em meados de 2012. Ela tem sido fundamental no aumento dramático do nível e visibilidade do trabalho da organização e seu impacto nas políticas relacionadas às florestas em todo o mundo. Baseado neste contexto de sucesso, tenho certeza de que o CIFOR vai atrair alguns dos melhores talentos do mundo para competir pela oportunidade de conduzir a organização para o próximo nível de desempenho e realização.

Prof. M. Hosny El Lakany
Presidente do Conselho



© Neil Palmer/CIAT



O Programa de Pesquisa *Florestas, Árvores e Agroflorestas* do CGIAR foi lançado em 2011, o Ano Internacional das Florestas.

O programa contribui para o manejo sustentável das florestas tropicais, melhorando os meios de subsistência de comunidades dependentes da floresta em todo o mundo. //



As conclusões do CIFOR contribuíram para a realização de uma auditoria do FSC em todas as empresas madeireiras certificadas. Como resultado, um número de empresas já começou a adaptar seus planos de manejo para ajustá-los aos padrões do FSC. //

Alinhando as empresas madeireiras com as normas de certificação do FSC na Bacia do Congo

Uma pesquisa do CIFOR na Bacia do Congo analisou a certificação de produtos florestais, e descobriu que as normas do governo são menos rigorosas do que as do Conselho de Manejo Florestal (Forest Stewardship Council, FSC) – e que as empresas madeireiras aderiram a normas situadas entre ambos.

O FSC é uma organização independente que reúne múltiplos atores e que promove o manejo florestal responsável. A certificação do FSC é um selo de aprovação para consumidores em todo o mundo que garante que os produtos florestais são o resultado de um manejo florestal ambiental e socialmente responsável. Cerca de 5,2 milhões de hectares de florestas da Bacia do Congo já foram certificados pelo FSC.

Os resultados da pesquisa derivam de uma análise dos planos de manejo de um número de empresas madeireiras certificadas. Enquanto os padrões que as empresas tipicamente estavam seguindo eram superiores ao que era exigido por lei, esses não eram suficientes para cumprir integralmente com os requisitos do FSC para o manejo florestal responsável.

“A tendência das empresas era usar o plano de manejo mais como um veículo para conseguir a aprovação do governo do que como um modelo para o manejo florestal responsável, conforme exigido pelo FSC”, disse Paolo Cerutti, líder do estudo do CIFOR. “Dessa forma eles poderiam cumprir as suas obrigações legais, mas evitavam aderir totalmente à lógica do FSC para o manejo florestal responsável.”

As conclusões do CIFOR contribuíram para que as ONG convocassem uma moratória sobre a certificação do FSC para a exploração madeireira em escala industrial na Bacia do Congo. O FSC respondeu realizando uma auditoria em todas as empresas certificadas. Como resultado, um número de empresas já começaram a adaptar seus planos de manejo para alinhá-los em conformidade com os padrões do FSC. Além disso, o CIFOR está trabalhando para garantir que todos os organismos de certificação utilizados pelo FSC baseiem suas avaliações empregando os mesmos padrões utilizados nas empresas madeireiras.

Adquirindo conhecimento sobre adaptação às mudanças climáticas na Bacia do Congo

A maioria das comunidades rurais da Bacia do Congo depende fortemente das florestas para obter alimentação, água, lenha e plantas medicinais. No entanto, os cientistas alertaram que a África Subsaariana pode estar entre as regiões mais atingidas pelas mudanças climáticas – ameaçando esta fonte de subsistência.

Um projeto recente do CIFOR estudou a relação entre os recursos florestais e a segurança alimentar, água, energia e saúde em Camarões, na República da África Central e na República Democrática do Congo. O objetivo foi contribuir para estratégias nacionais de adaptação que garantam a continuidade do uso sustentável dos recursos florestais.

O projeto – financiado pelo Departamento para o Desenvolvimento Internacional do Reino Unido e o Centro de Investigação para o Desenvolvimento Internacional do Canadá – treinou 40 estudantes de mestrado em pesquisa sobre adaptação e mudanças climáticas e os envolveu no estudo da vulnerabilidade das pessoas aos impactos que o aquecimento global terá sobre o uso das florestas.

Enquanto a mitigação das mudanças climáticas recebe cobertura ocasional da mídia na Bacia do Congo, há menos consciência a respeito da adaptação. Por esta razão, o projeto incluiu jornalistas em seminários para cientistas e tomadores de decisão e organizou viagens de campo para jornalistas nos três países do projeto. Cientistas orientaram os jornalistas por três meses e, durante esse período, eles foram encorajados a transmitir o novo conhecimento que adquiriram sobre adaptação para os próximos estudantes de mídia.

Uma série de reuniões públicas foi realizada para compartilhar as descobertas do projeto com as partes interessadas e discutir suas percepções – e equívocos de interpretação – sobre as mudanças climáticas. Além disso, seis sítios-piloto de adaptação (dois por país) reuniram agricultores e pesquisadores para estudar a atual vulnerabilidade das comunidades às mudanças climáticas e analisar em conjunto as melhores estratégias de adaptação para as suas necessidades.



© Andrew McConnell/Getty Images



Estes 40 estudantes de mestrado, formados em adaptação e mudanças climáticas, são o futuro da Bacia do Congo. Eles são os tomadores de decisão de amanhã e terão a capacidade de compreender e implementar as melhores estratégias de adaptação para a região. //

Denis Sonwa
Cientista do CIFOR



Nova iniciativa de pesquisa de 10 anos para proteger as florestas e reduzir os riscos para as comunidades florestais

Por todo o reino tropical, vastas áreas de matas e florestas estão sendo perdidas. A derrubada das florestas para a criação de fazendas ou cidades pode melhorar as condições locais de vida, mas muitas vezes a destruição das florestas intensifica a pobreza e traz danos irreparáveis a valiosos ecossistemas.

Com áreas florestais em declínio aparecendo como uma grande ameaça para a saúde climática e o bem-estar de um bilhão de pessoas pobres, em 2011 o CGIAR lançou um programa de pesquisa global de dez anos dedicado a florestas, árvores e agroflorestas.

O CGIAR escolheu o CIFOR para liderar este programa em parceria com três outros centros do CGIAR – o Centro Mundial de Agrofloresta (ICRAF), Centro Internacional de Agricultura Tropical (CIAT) e Bioversity International – e com muitos outros parceiros nacionais e internacionais.

O Programa de Pesquisa *Florestas, Árvores e Agroflorestas* do CGIAR visa renovar os esforços para reduzir o desmatamento e a degradação florestal, e expandir o cultivo de árvores em unidades de produção, como maneira de aumentar a renda rural de forma sustentável. Como parte do seu mandato, o programa analisa a conservação da biodiversidade das florestas e a importância crucial das florestas como “sumidouros naturais de carbono” que podem manter o carbono fora da atmosfera e ajudar a diminuir o ritmo das mudanças climáticas.

Acredita-se que um manejo aprimorado das florestas e árvores pode reduzir os riscos para pequenos agricultores e melhorar o bem-estar das populações dependentes da floresta, particularmente as mulheres e outros grupos comumente desfavorecidos.

“Precisamos urgentemente de um esforço forte e sustentado focado no manejo e governança florestal, devido ao papel crucial das florestas para enfrentar alguns dos desafios mais importantes do nosso tempo: as mudanças climáticas, a pobreza e a segurança alimentar”, disse Frances Seymour, diretora-geral do CIFOR.

O programa tem como alvo as florestas e matas tropicais que compõem cerca de 46% da cobertura florestal global. Em dez anos, espera-se ter contribuído para uma redução anual do desmatamento e da degradação florestal entre 0,5 e 1,7 milhões de hectares, e ter aumentado a produção e as práticas de manejo sustentáveis das florestas tropicais, resultando em uma provável redução anual nas emissões de dióxido de carbono de 0,16 a 0,68 gigatoneladas de dióxido de carbono das emissões.



Precisamos urgentemente de um esforço forte e sustentado focado no manejo e governança florestal, devido ao papel crucial das florestas para enfrentar alguns dos desafios mais importantes do nosso tempo: as mudanças climáticas, a pobreza e a segurança alimentar. //

Frances Seymour
Diretora-geral do CIFOR

Bionergia, sustentabilidade, e *trade-offs*

O biodiesel tem sido anunciado como uma alternativa verde aos combustíveis fósseis, mas um estudo do CIFOR descobriu que o carbono liberado a partir da conversão de terras para a produção de biocombustíveis pode levar décadas ou até séculos para ser neutralizado, levantando sérias questões sobre sua sustentabilidade.

“Realmente importa como você produz biocombustíveis e em que terra os cultiva para saber se você irá ou não obter benefícios em relação às mudanças climáticas”, disse Louis Verchot, cientista principal do CIFOR.

“Os biocombustíveis que resultam na conversão de ecossistemas naturais nunca serão eficientes em termos de emissões. Este estudo defende um apropriado planejamento espacial e a conscientização de que qualquer coisa que você faz em nome da atmosfera pode ter consequências inesperadas, a menos que você olhe para o sistema de produção como um todo.”

Este resultado de pesquisa é parte de um estudo financiado pela Comissão Europeia, olhando não só para as implicações da bioenergia para as mudanças climáticas, mas também para as implicações sociais e ambientais do desenvolvimento da bioenergia. Cientistas e parceiros do CIFOR estão estudando a eficácia de políticas e regulamentos, com ênfase especial nas medidas que regem o acesso às terras convertidas para a produção de biocombustível e nos impactos negativos sobre as florestas naturais e as populações locais que ganham a vida nessas terras. O projeto tem se concentrado no Brasil, Gana, Indonésia, Malásia, México e Zâmbia.

Ao longo de 2011, o projeto envolveu uma ampla gama de partes interessadas em um processo de divulgação e disseminação dos resultados da pesquisa. As descobertas sobre a “dívida de carbono” dos biocombustíveis chamaram atenção da mídia em todo o mundo. Reuniões com parlamentares europeus, a sociedade civil e ministérios do governo demonstraram o valor da pesquisa e o potencial da aplicação de lições políticas em países fora da zona do projeto. Em agosto, a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral reuniu-se para discutir os impactos do desenvolvimento da bioenergia sobre mudanças no uso da terra, nos meios de subsistência rural e nas economias nacionais na África Austral. Em setembro, os interessados do Sudeste Asiático, África Subsaariana e da América Latina reuniram-se para trocar suas experiências sobre o desenvolvimento de cultivos de biocombustíveis.

“O desenvolvimento da bioenergia tem implicações para a posse da terra, a segurança alimentar, a subsistência e o meio ambiente”, disse Verchot. “Ao construir o nosso conhecimento sobre o que funciona e o que não funciona, e ao compartilhar esse conhecimento através de uma rede de atores, somos mais propensos a desenvolver políticas de bioenergia eficazes tanto para os países produtores como para os países consumidores.”



© Jason Isley/Getty Images



O desenvolvimento da bioenergia tem implicações para a posse da terra, a segurança alimentar, a subsistência e o meio ambiente. Ao construir o nosso conhecimento... somos mais propensos a desenvolver políticas de bioenergia que são eficazes tanto para os países produtores como para os países consumidores. //

Louis Verchot
Cientista principal do CIFOR

Resultados marcantes mostram que os manguezais são essenciais para combater as mudanças climáticas

Depois de um voo para uma cidade litorânea na Indonésia, um grupo de cientistas viaja 20 horas de barco para um sítio ribeirinho, onde passam uma semana, esperando que a maré baixe a cada dia para escalar uma teia de raízes, com lama até os joelhos, e chegar a uma remoto manguezal.

Assim começou o trabalho duro que levou o CIFOR a realizar descobertas fundamentais – apontando para os manguezais como repositórios ideais para manter o carbono fora da atmosfera e armazenado nas florestas. Essas descobertas estão tendo implicações significativas para as políticas locais e globais.

Os cientistas esticam trenas e anotam as circunferências das árvores. Eles descarregam cerca de 12 kg de tubos de aço inoxidável, cravam-nos no chão, e os puxam de volta para fora para coletar amostras representativas: a um metro de profundidade, eles coletam terra arenosa com pedaços de folhas; e a mais de 11 metros de profundidade, uma terra que é preta e lisa como graxa.

Encharcados de repelente para se proteger contra a dengue e a malária, os cientistas trabalham de forma rápida enquanto a maré sobe. Eles nadam de volta para os barcos. De volta ao laboratório, eles analisam o carbono em milhares de amostras de solo do Sudeste Asiático. Eles quebram a cabeça com os números e se surpreendem com os resultados: os manguezais armazenam três a quatro vezes mais carbono do que a maioria das florestas tropicais.

Os manguezais ocorrem ao longo da costa de cerca de 118 países, mas quase a metade deles foi destruída na segunda metade do século passado.

Um aumento de gases de efeito estufa aqueceu a Terra em 0,7 °C ao longo do século passado, fermentando uma mistura cada vez mais turbulenta de tempestades, inundações, deslizamentos de terra, incêndios florestais, temperaturas extremas e secas.

“Os manguezais estão sendo destruídos a uma taxa alarmante e isso precisa parar”, disse Daniel Murdiyarsa, cientista sênior do CIFOR. “Há uma falta de conscientização sobre as implicações da perda de manguezais para a humanidade. Há uma necessidade urgente para os governos reconhecerem a sua importância e desenvolver melhores políticas para garantir a sua proteção.”

Desde que as descobertas a respeito dos manguezais foram publicadas em 2011, elas têm recebido atenção mundial dos meios de comunicação, da comunidade científica e do público em geral. As conclusões serão levadas em conta pelos processos do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas, enquanto esse revisa suas diretrizes para inventários de gases de efeito estufa em áreas úmidas.

Para ampliar ainda mais o impacto dos resultados, a Iniciativa para Adaptação e Mitigação às Mudanças Climáticas em Áreas Úmidas Tropicais (TwinCam) foi desenvolvida pelo CIFOR em parceria com outras instituições de pesquisa, comunidades de doadores e parceiros acadêmicos regionais. Isso inclui o estabelecimento de redes e a ampliação da capacidade, em todo o mundo, de avaliar os estoques de carbono e as emissões de gases de efeito estufa de zonas úmidas tropicais.

O tema também recebeu atenção a nível nacional. Na Indonésia – que abriga a maior área de manguezais do mundo, com cerca de três milhões de hectares espalhados por todo o arquipélago – o CIFOR sediou um seminário para jornalistas sobre zonas úmidas. Cerca de 17 jornalistas nacionais participaram da oficina e de uma viagem de campo a uma floresta de mangue, e mais de 30 histórias foram publicadas nos principais jornais de todo o país.

“

Os manguezais estão sendo destruídos a uma taxa alarmante e isso precisa parar... Há uma necessidade urgente de os governos reconhecerem a sua importância e desenvolver melhores políticas para garantir a sua proteção. ”

Daniel Murdiyarsa
Cientista sênior do CIFOR





Estudos têm enfatizado a importância especial da renda proveniente da floresta para as famílias mais pobres. Um dado surpreendente é que... a dependência da floresta... aparentemente varia pouco entre os níveis de renda. Assim, a renda da floresta não é apenas para os pobres, mas para todos... //

Arild Angelsen
Coordenador da PEN
e associado sênior do CIFOR

Pobres rurais dependem da floresta para obter quase um quarto da renda familiar

Um estudo de referência mundial conduzido pelo CIFOR por sete anos constatou que a renda proveniente das florestas contribui, em média, com mais de um quinto da renda total das famílias que vivem em ou perto de florestas – documentando pela primeira vez nessa escala o papel fundamental que o meio ambiente desempenha na redução da pobreza.

O tamanho da “renda ambiental” – proveniente de madeira, caça, plantas e outros recursos obtidos na natureza – até agora tem sido pouco documentada e não é óbvio para a maioria dos formuladores de políticas. Muitas ferramentas existentes para avaliar a pobreza e renda, como o Levantamento do Banco Mundial para avaliação do padrão de vida, não conseguem capturar adequadamente a renda oriunda de recursos naturais. O verdadeiro valor das florestas nos meios de subsistência das populações rurais pobres do mundo permanece invisível em grande parte.

O estudo da Rede de Pobreza e Meio Ambiente (PEN) compreende dados coletados por 32 parceiros, a maioria deles estudantes de doutorado que passaram um ano ou mais no campo. Os dados foram coletados em mais de 8.000 famílias em 58 locais em 24 países.

Entre os entrevistados, a renda da floresta constitui em média mais de um quinto do total da renda familiar, enquanto a renda ambiental (florestal e não florestal) alcança mais de um quarto. Esses números do banco de dados do estudo global foram apresentados em junho de 2011 em uma conferência na Royal Society em Londres.

“Estudos anteriores têm enfatizado a importância especial dos rendimentos da floresta para as famílias mais pobres. Uma descoberta surpreendente deste projeto é que, em geral, a dependência da floresta definida como a parcela da renda florestal que compõe a renda domiciliar total, aparentemente varia pouco entre os níveis de renda. Assim, a renda da floresta não é apenas para os pobres, mas para todos nestes locais”, disse Arild Angelsen, coordenador da PEN e associado sênior do CIFOR.



Foto de Flore Baumgarten/CIFOR

Integrando o manejo de produtos florestais madeireiros e não madeireiros na Amazônia

As comunidades rurais na Amazônia muitas vezes dependem de produtos florestais, tais como as valiosas castanhas do Brasil, para compor uma proporção significativa dos seus rendimentos. Infelizmente, pesadas máquinas de empresas madeireiras tendem a realizar a colheita de forma indiscriminada, deixando de diferenciar entre as espécies madeireiras e aquelas que proporcionam os meios de subsistência para a população local.

Nos últimos anos, os cientistas do CIFOR têm investigado a melhor forma de integrar e equilibrar o manejo de produtos florestais madeireiros e não madeireiros. Em 2011, os pesquisadores se concentraram em madeira e castanha do Brasil – o produto florestal não madeireiro de maior valor na região – no Peru e na Bolívia.

“Os dois países apresentam situações muito diferentes”, disse o cientista principal do CIFOR, Manuel Guariguata. “A boa notícia é que um sistema de manejo integrado beneficiará os dois países.”

Tanto na Bolívia como no Peru, madeira e castanha do Brasil crescem juntos na floresta. No Peru, as leis florestais criaram concessões separadas para madeira e castanha. Como os regulamentos de desmatamento nas concessões de castanha do Brasil eram menos rigorosos do que os regulamentos nas concessões de madeira, os madeireiros transferiram suas operações para as concessões de castanhas, ameaçando assim os castanhais e promovendo a exploração não sustentável de madeira.

Na Bolívia, as comunidades detêm amplos direitos sobre suas florestas e não há separação na produção de castanha do Brasil e de madeira. A pesquisa do CIFOR aumentou a conscientização sobre a necessidade de harmonizar as regras e regulamentos para integrar melhor a exploração de ambos os recursos, castanha do Brasil e madeira, em unidades de manejo florestal de pequena escala, incluindo o fortalecimento da participação da comunidade.

Espera-se que a pesquisa do CIFOR leve a novas políticas e normas para integrar o manejo de madeira e castanha do Brasil, incluindo a promoção de métodos tais como técnicas de extração de baixo impacto e de silvicultura localmente desenvolvida, para o benefício das diferentes partes interessadas.



“ A pesquisa do CIFOR aumentou a conscientização sobre a necessidade de harmonizar as regras e regulamentos para integrar melhor a exploração de ambos os recursos, castanha do Brasil e madeira, em unidades de manejo florestal de pequena escala, incluindo o fortalecimento da participação da comunidade. ”



Revitalizando o uso de incenso e mirra para a subsistência e conservação na Etiópia

Um renascimento na produção de gomas e resinas, tais como incenso e mirra, poderia ajudar a conservar as florestas e aumentar a renda em terras áridas empobrecidas da Etiópia.

As florestas secas fornecem alimento, combustível, medicamentos, materiais de construção e renda. Elas também restauram a fertilidade do solo e evitam a erosão e a desertificação. Segundo os cientistas do CIFOR, a chave para a conservação dessas florestas é entender o valor das espécies que produzem gomas e resinas que têm sido coletadas, usadas e comercializadas desde a antiguidade.

Resinas de óleo-goma são usadas em papéis, cerâmica, cosméticos, sorvetes, cerveja, creme dental e pastilhas para tosse. A demanda global por produtos como goma arábica, incenso e mirra, e gomas opoponax e karaya está crescendo, com as exportações da Etiópia passando de 1.648 toneladas em 1999-2000 para mais de 5.000 toneladas em 2009-2010.

O cientista do CIFOR Habtemariam Kassa e sua equipe descobriram que o ajuste do atual sistema de classificação de incenso – que leva em conta o teor de óleo essencial a resina – poderia fortalecer o poder de negociação da Etiópia nos mercados globais. Kassa trabalhou com os governos regionais para garantir que as cooperativas de agricultores possam ter melhor acesso às florestas secas e que tenham maior influência na governança da cadeia de mercado.

A equipe trabalhou com uma escola de manejo de recursos naturais, a Faculdade de Engenharia Florestal Wondo Genet, para estabelecer um programa de mestrado em manejo de florestas secas. Ela também desenvolveu um manual sobre a produção sustentável de incenso, que o Ministério da Agricultura traduziu para o amárico e que será integrado ao serviço de extensão florestal nacional. Kassa também trabalhou com funcionários do ministério sobre a Lei Nacional de Florestas e suas diretrizes.

“Uma vez que os agricultores e os setores público e privado entendam que existem grandes incentivos econômicos para o manejo adequado das florestas, é provável que isto leve a melhores resultados para a subsistência e conservação, um melhor acesso regulado aos recursos e um melhor controle de qualidade no mercado de incenso”, disse Kassa.



Uma vez que os agricultores e os setores público e privado entendam que existem grandes incentivos econômicos para o manejo adequado das florestas, é provável que isto leve a melhores resultados para a subsistência e conservação, um melhor acesso regulado aos recursos e um melhor controle de qualidade no mercado do incenso.



Habtemariam Kassa
Cientista do CIFOR

Apelo urgente para ação no Dia das Florestas 5

Especialistas participantes do Dia das Florestas 5, realizado em paralelo às negociações das Nações Unidas sobre mudanças climáticas em Durban, em dezembro de 2011, alertaram para uma nova onda de desmatamento devastando toda a África, dizimando animais selvagens e ameaçando a resiliência dos ecossistemas para resistir aos efeitos das mudanças climáticas – especialmente na área de segurança alimentar.

“As taxas de desmatamento na África... estão se acelerando”, disse Helen Gichohi, presidente da Fundação Africana de Vida Silvestre (African Wildlife Foundation). “As florestas desaparecendo, o sobrepastoreio de terras montanhosas e a conversão para a agricultura de campos e zonas úmidas que haviam servido como refúgios durante a seca têm causado a diminuição da resiliência dos ecossistemas.”

Sua mensagem ecoou na voz de seu colega palestrante, Bob Scholes, do Conselho de Pesquisa Científica e Industrial (Council for Scientific and Industrial Research), que disse: “Se pudermos fazer algo para influenciar o desmatamento, poderemos causar um efeito maior do que tem acontecido até agora sob o âmbito do Protocolo de Quioto. Este desafio... vale o esforço.”

O CIFOR convocou o Dia das Florestas 5, em nome da Parceria Colaborativa das Florestas. Mais de 1.100 pessoas de 82 países participaram, incluindo 214 negociadores oficiais sobre mudanças climáticas. O evento atuou como um ímã para a mídia, e cerca de 210 artigos foram produzidos em decorrência da conferência.

Cerca de 90% dos participantes, que depois responderam a um levantamento independente, disseram que achavam que o evento tinha sido “bem-sucedido” ou “muito bem-sucedido”. O Ministro de Agricultura, Florestas e Pesca da África do Sul, Tina Joemat-Pettersson, disse: “O Dia da Floresta 5, sem dúvida, destacou a urgência da sobrevivência das florestas do mundo, da biodiversidade e de milhões de pessoas cuja subsistência depende delas.”



Foto de Aulia Erlangga/CIFOR



O Presidente Susilo Bambang Yudhoyono apresentou a palestra principal prometendo dedicar os últimos três anos de sua administração para a conservação e o uso sustentável das florestas da Indonésia. //



© Neil Palmer/CIAT

Lançando uma luz sobre as florestas da Indonésia

Em setembro, o CIFOR convocou a Conferência sobre Florestas da Indonésia em associação com grupos empresariais, ONG, doadores e ministérios, em particular o Ministério das Florestas da Indonésia. O Banco Mundial, a Aliança pelo Clima e Uso da Terra, e os governos da Noruega, do Reino Unido e da Austrália uniram-se para patrocinar a conferência e participar no seu planejamento e execução. A conferência proporcionou uma plataforma para 935 líderes, especialistas, tomadores de decisões políticas, chefes de empresas, defensores da sociedade civil e parceiros internacionais para discutir o futuro das florestas da Indonésia. Mais de 80 jornalistas compareceram.

O presidente Susilo Bambang Yudhoyono apresentou a palestra principal prometendo dedicar os últimos três anos de sua administração para a conservação e o uso sustentável das florestas da Indonésia, e chamando as empresas para unirem-se a esse esforço. Mais de 37 palestrantes, painelistas e moderadores abordaram e debateram as questões colocadas. Erik Solheim, ministro norueguês do Meio Ambiente e Desenvolvimento Internacional, garantiu aos líderes das indústrias de papel e celulose e de óleo de palma da Indonésia que a conservação das florestas conduziria a maiores oportunidades de negócios. Jim Paice, ministro de estado no Ministério do Ambiente, Alimentação e Assuntos Rurais do Reino Unido, reiterou o apoio do Reino Unido à Indonésia na luta contra as mudanças climáticas.

O presidente Yudhoyono ficou tão satisfeito com o evento e com o pronunciamento de abertura da diretora-geral Frances Seymour que ele pediu ao seu pessoal para produzir um livreto comemorativo, contendo os dois discursos em inglês e indonésio, que o CIFOR, a pedido do presidente, enviou a todos os participantes da conferência.

O embaixador da Noruega para a Indonésia disse ao CIFOR que a conferência havia “trazido nova vida à [Carta de Intenções entre a Noruega e a Indonésia] e colocou as florestas de volta na agenda política.”



Como uma organização de pesquisa, precisamos preencher a lacuna entre pesquisa, política e prática. O modelo do CIFOR de compartilhamento de conhecimentos fornece caminhos claros e mensuráveis para impactar a nossa pesquisa. Os resultados são surpreendentes.



© Frans Lanting/www.lanting.com

Caminhos para impactar

Há três anos, o CIFOR embarcou em um ousado esforço para reinventar seu programa de comunicações. Apoiada pelo Conselho e aproveitando um orçamento maior e uma reputação de pesquisa de ponta independente, a equipe de comunicação do centro foi reciclada e reformulada, e relançou um programa que tem produzido resultados surpreendentes e tornou-se um foco das organizações de pesquisa a nível mundial.

O âmago desse sucesso está no modelo do CIFOR de compartilhamento de conhecimentos, o qual fornece caminhos claros, dinâmicos e mensuráveis para o impacto dos resultados da pesquisa. Esse modelo é centralizado na *web*, combinando ferramentas contemporâneas de mídia social com canais tradicionais de divulgação. O objetivo é fazer uma ponte entre pesquisa, política e prática, para melhorar múltiplos canais de *feedback*, para acelerar a entrega de resultados às partes interessadas e reduzir o tempo para alcançar o impacto almejado.

A equipe começou vasculhando suas listas de assinantes, removendo contatos desatualizados e refazendo as listas a partir de um indivíduo por vez, coletando listas de participantes em conferências, acrescentando formulários de inscrição em seus *sites*, e procurando em fichários de contatos de cientistas. O resultado é que, no final de 2011, o CIFOR tinha construído uma lista com 26.000 interessados, categorizados por região, interesse e idioma.

Centralizado na *web*

No coração dos esforços na área de comunicações está o CIFOR.org. Depois de estudar os 50 *sites* mais influentes a nível global, uma ampla equipe relançou o *website* do CIFOR no final de 2010. Então, ao longo de 2011, a equipe redesenhou e relançou dez *sites* de projetos, todos usando a mesma aparência do *site* principal. Em abril, em parceria com o Ministério das Florestas da Indonésia, o CIFOR lançou REDD-Indonesia.org, um *site* em língua indonésia desenvolvido como um centro de aprendizagem sobre REDD (em seis meses, os usuários baixaram 10.000 publicações). Até o final de 2011, um ano após seu lançamento, o tráfego no CIFOR.org aumentou em 30%, enquanto a visualização de páginas subiu em 340% (para 15,3 milhões), segundo o AWStats, um serviço de rastreamento da *web*. Além disso, as publicações do CIFOR foram visitadas 151.857 vezes no Google Livros em 2011, quase o dobro do que em 2010.

Plataformas de mídia social recém-lançadas atingiram novas audiências, canalizaram o tráfego para os *sites* e forneceram valiosos canais de *feedback*. Até o final do ano, atingimos 6.000 seguidores nos *newsfeeds* multilíngues do CIFOR no Twitter e Facebook. No YouTube, os usuários assistiram nossos vídeos 45.000 vezes; no Slideshare, as partes interessadas visualizaram nossas apresentações em PowerPoint cerca de 60.000 vezes, e atingimos 45.000 visualizações de nossas fotografias no Flickr, usadas por diversos jornais, revistas e periódicos científicos em todo o mundo.

Seja seu próprio CNN

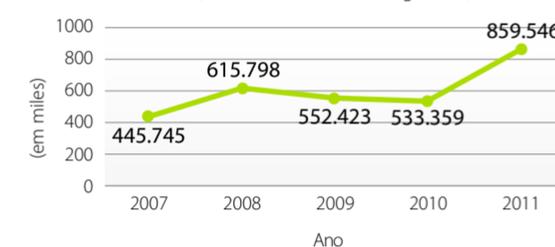
Observando uma demanda por notícias independentes sobre as florestas e deslocando antigos correspondentes de Jacarta para Lima (Time, Associated Press, Bloomberg), o centro lançou o seu blog Notícias Florestais. Em 2011, o blog publicou 260 artigos (muitos também traduzidos para o francês, indonésio, espanhol e japonês) e aumentou o número de leitores de 2.000 para 26.000 por mês. Em agosto, o Google credenciou o blog como uma fonte legítima de notícias (um dos primeiros para uma organização de pesquisa ambiental) e um número crescente de agregadores de notícias – como o Huffington Post e AlertNet Reuters – republicaram estórias, incluindo documentários, vídeos, e ensaios fotográficos. Em março, o CIFOR relançou POLEX, uma *listserv* de política florestal estabelecida inicialmente em meados da década de 1990. Um resultado surpreendente é a produção de artigos científicos discutidos no *blog* ou em POLEX mostraram um aumento no número de leitores de, pelo menos, três vezes ou mais.

Apesar do poder das mídias sociais, o centro reconhece que os tomadores de decisões políticas ainda confiam na mídia tradicional como a sua principal fonte de informação. Na verdade, uma pesquisa financiada pelo Reino Unido descobriu que mudanças políticas raramente ocorrem sem um debate público promovido pelos meios de comunicação tradicionais. Com o objetivo de tornar-se uma fonte de mídia confiável sobre as florestas tropicais, o CIFOR mudou sua política para permitir que os jornalistas entrem em contato diretamente com cientistas e expandiu sua base de dados de mídia para 2.600 contatos. Como resultado, o número de vezes que as pesquisas do CIFOR foram citadas na mídia *online* triplicaram.

O modelo de comunicação ganhou impulso em 10 conferências internacionais e 15 eventos nacionais que o CIFOR convocou ou que contaram com sua participação para ajudar no esforço global de ressaltar os desafios destacados durante o Ano Internacional das Florestas. Este relatório inclui histórias separadas sobre o Dia das Florestas 5 e a Conferência sobre Florestas na Indonésia.

Número total de publicações baixadas do *website* do CIFOR e visualizações no Google Livros

(Fonte: CGNet-AWStats e Google Livros)



As citações em revistas científicas ISI de artigos revisados por pares, escritos por cientistas do CIFOR, tiveram o maior salto desde sempre, para 867. O índice "H-index" do ISI – que mede a produtividade e o impacto da obra publicada – para o CIFOR foi de 29, a terceira posição entre todos os centros do CGIAR.

Relatório financeiro[¶]

De dezembro de 2011 a dezembro de 2010 (em dólares dos Estados Unidos)

Ativos	2011	2010	Passivo e ativo líquido	2011	2010
Ativo circulante			Passivo circulante		
Caixa e equivalentes de caixa	21.128	17.033	Contas a pagar:		
Depósitos de curto prazo	600	4.354	- Doadores	5.402	11.785
Contas a receber:			- Empregados	381	202
- Doadores	2.803	6.398	- Outros centros do CGIAR	708	0
- Empregados	470	346	- Outros	134	261
- Outros centros do CGIAR	94	58	Despesas provisionadas	2.252	1.546
- Outros	941	918	Total do passivo circulante	8.877	13.794
Despesas pagas antecipadamente	420	443			
Total do ativo circulante	26.456	29.550	Passivo não circulante		
			Obrigações com benefícios de empregados	4.783	4.414
Ativos não circulantes			Despesas provisionadas – porção não corrente	350	350
Imóveis, instalações e equipamentos	2.483	2.082	Total do passivos não circulante	5.133	4.764
Outros ativos	1.797	1.688			
Total de ativos não circulantes	4.280	3.770	Ativo líquido		
			Irrestrito:		
Total de ativos	30.736	33.320	- Não designado	13.123	11.159
			- Designado	3.603	3.603
			Total do ativo líquido	16.726	14.762
			Total do passivo e ativo líquido	30.736	33.320

Relatório de atividades[¶]

Referente aos exercícios findos em 31 de dezembro de 2011 e 2010 (em dólares dos Estados Unidos)

	2011			2010	
	Irrestrito	Restrito Janela 1 / janela 2	Restrito (bilateral)	Total	Total
Receita					
- Receitas de subvenção	6.418	11.220	18.756	36.394	26.986
- Outras receitas	103	0	0	103	165
Total das receitas	6.521	11.220	18.756	36.497	27.151
Despesas					
- Despesas relacionadas com programas	3.517	9.321	18.756	31.594	20.921
- Gestão e despesas gerais	1.776	2.793	0	4.569	5.496
	5.293	12.114	18.756	36.163	26.417
Recuperação de despesas indiretas	(736)	(894)	0	(1.630)	(1.492)
Total das despesas	4.557	11.220	18.756	34.533	24.925
Excedente líquido	1.964	0	0	1.964	2.226
Programação complementar de despesas – classificadas pela natureza das despesas					
Custos com pessoal	3.500	2.768	5.864	12.132	10.410
Colaboradores CRP / custos de parcerias – Centros do CGIAR	0	6.525	0	6.525	0
Colaboradores / custos de parcerias – outros	187	187	5.436	5.810	5.364
Suprimentos e serviços	919	1.799	6.192	8.910	8.248
Viagens operacionais	446	525	1.091	2.062	1.855
Depreciação	241	310	173	724	540
Recuperação de despesas indiretas	(736)	(894)	0	(1.630)	(1.492)
Total das despesas	4.557	11.220	18.756	34.533	24.925

*As informações expostas abaixo foram extraídas das demonstrações financeiras auditadas referentes aos exercícios findos em 31 de dezembro de 2011 e 2010. A PricewaterhouseCoopers-Indonésia realizou a auditoria e emitiu parecer sem ressalva.

Doadores

O trabalho do CIFOR em 2011 não teria sido possível sem o generoso apoio das seguintes organizações (em ordem alfabética):

Agência Australiana para o Desenvolvimento Internacional (AusAID)	Consórcio de Centros de Pesquisa Agrícola Internacional	Instituto Nacional de Pesquisa e Tecnologia Agrária e Alimentar (INIA, Espanha)
Agência Austríaca para o Desenvolvimento	Cooperação Irlandesa	Irã
Agência Dinamarquesa para o Desenvolvimento Internacional (Danida)	Coreia do Sul	Japão
Alemanha	Departamento para o Desenvolvimento Internacional do Reino Unido (DFID)	Met Office Hadley Centre – Governo do Reino Unido
Austrália	Ecofys – Países Baixos	Ministério do Ambiente, Alimentação e Assuntos Rurais (DEFRA, Reino Unido)
Banco Africano de Desenvolvimento (BAD)	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)	Ministério Federal da Cooperação Econômica e do Desenvolvimento (GIZ/BMZ)
Banco Mundial	Estados Unidos da América	Noruega
Canadá	Federal Office for the Environment (FOEN, Suíça)	Organização Católica de de Assistência e Apoio ao Desenvolvimento (CORDAID)
Centro Australiano de Pesquisa Agrícola Internacional (ACIAR)	Fidelity Charitable Gift Fund	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO)
Centro de Cooperação Internacional em Pesquisa Agrônômica para o Desenvolvimento (CIRAD)	Finlândia	Países Baixos
Centro de Investigação para o Desenvolvimento Internacional (CIDI)	Ford Foundation	Serviço de Pesca e Vida Selvagem dos Estados Unidos
Centro Internacional de Agricultura Tropical (CIAT)	França (Embaixada da França em Camarões)	Suíça
Centro Mundial de Agrofloresta (ICRAF)	Fundo Francês para o Ambiente Mundial (FFEM)	The Nature Conservancy (TNC)
China	Gabinete das Nações Unidas para a Droga e a Criminalidade (UNODC)	União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN)
ClimateWorks Foundation	Gordon and Betty Moore Foundation	Universidade de Wisconsin
Comissão Europeia	Instituto das Nações Unidas para a Formação e a Investigação (UNITAR)	Universidade Nacional Australiana
Conservation International Foundation	Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazonia (IPAM)	Wageningen International
	Instituto Internacional de Investigação sobre Políticas Alimentares (IFPRI)	

Conselho Diretor

<i>Presidente</i> Prof. M. Hosny El Lakany, PhD, DSc Professor adjunto Departamento de Manejo de Recursos Florestais Universidade de British Columbia Canadá	Nancy Andrews Presidente e CEO Fundo de Investimento de Baixa Renda Estados Unidos da América	Dr. Idah Pswarayi-Riddihough Gerente de setor Ambiente e Manejo de Recursos Naturais (AFTEN) Banco Mundial EUA
<i>Vice-presidente</i> Dr. Benchaphun Shinawatra Ekasingh Diretor Associado Centro de Policultivos Faculdade de Agricultura Universidade de Chiang Mai Tailândia	Claudia Martínez Zuleta Diretora Ecologia, Economia e Ética Colômbia	Frances Seymour Diretora-geral CIFOR Indonésia
John Murray Hudson OBE, BSc, DBA Chinnor Oxfordshire Reino Unido	Prof. Linxiu Zhang Professor e vice-diretor de Política Agrícola China do Instituto de Pesquisa em Ciências Geográficas e Recursos Naturais Academia China de Ciências China	<i>Representante do país anfitrião</i> Dr. IR. Tachrir Fathoni, MSc Diretor-geral Pesquisa Florestal e Agência de Desenvolvimento Ministério das Florestas Indonésia
	Prof. Eric Tollens Professor da Faculdade de Agricultura e Ciências Biológicas Aplicadas Universidade Católica de Leuven Bélgica	<i>Secretário</i> Julien Colomer Oficial de programa CIFOR Indonésia

cifor.org
blog.cifor.org



© Ben Visbeek



Center for International Forestry Research

CIFOR contribui para o bem-estar humano, a conservação ambiental e a equidade, realizando pesquisa para servir de base a políticas e práticas que afetam as florestas nos países em desenvolvimento. O CIFOR é um centro de pesquisa do Consórcio do CGIAR. Sua sede fica em Bogor, na Indonésia. O centro conta também com escritórios na Ásia, África e América do Sul.



O CIFOR neutraliza suas emissões de carbono através do programa de parcerias da Carbonfree®. A Carbonfree apoia projetos de energia renovável, eficiência energética e reforestamento, validados por terceiros, em todo o mundo. Este relatório foi impresso em papel reciclado.